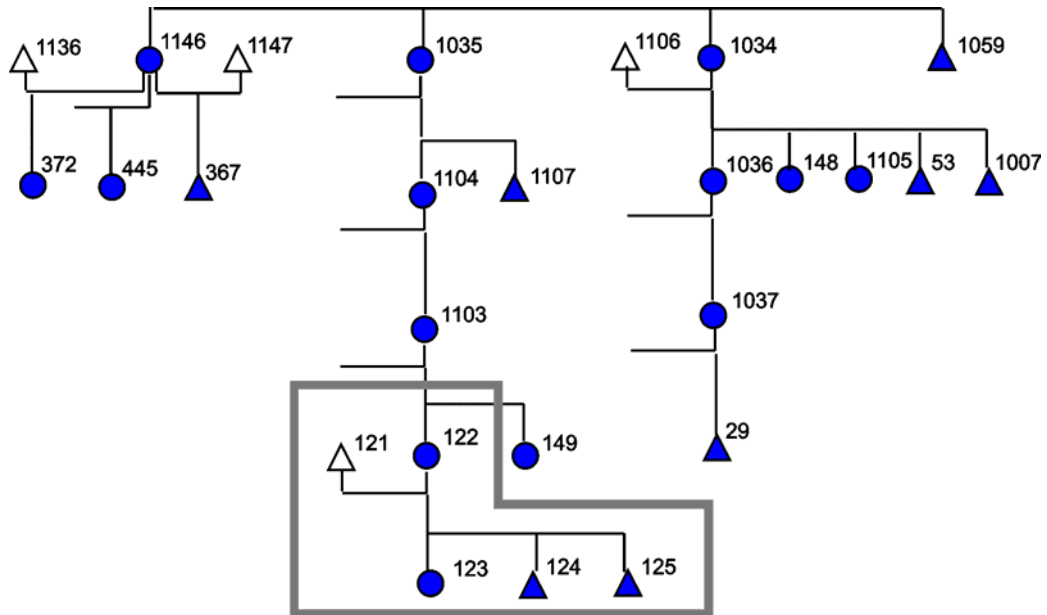


## Segmento residencial 9

### Casa 9a

Em 1962, na Aldeia do Posto

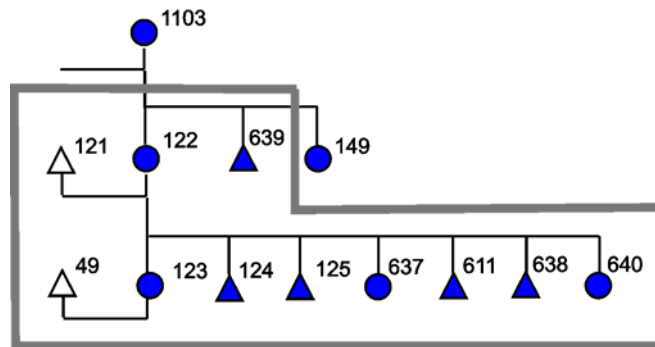
- 121 - Haracaj'cârê Pênõ Jõwàt Ipy (Basílio)
- 122 - Caxô Corên (Delcina, canela)
- 123 - Quêntapi Junkwôj
- 124 - Cacôxên Xycxyc Mampôc
- 125 - Quênjawin Catuare Pârhy Ìxêtyc



Em 1962 esta casa era constituída por Basílio Pinto (122), sua mulher Caxô (122) e três filhos pequenos. Se bem me lembro, já em 1962, ou mais certamente em 1963, os membros desta família elementar ocupavam a pequena casa de pau-a-pique com teto de palha, no próprio círculo da aldeia, que fora utilizada anteriormente pelo lingüista Arthur Hemmons, do Summer.

### Casa 9a

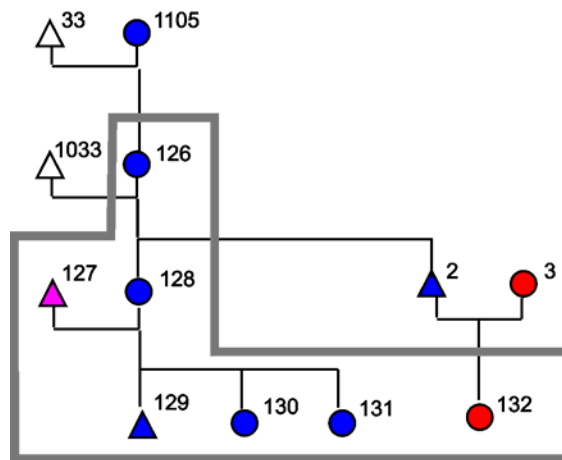
Em 1971, na Aldeia do Posto



Em 1971, os moradores da casa haviam aumentado. O casal tivera mais quatro filhos: Prôcop (637), Pi'hôco (611), Cuhêquê (638) e Caprum (640). A filha mais velha, Quêntapi (123), estava casada com Hîtêtet (49), oriundo da casa 5b. Um irmão de Caxô (122), Quêncunã (639) morava na casa, certamente vindo de Porquinhos, aldeia dos apaniecrás. Caxô era de lá. O casal frequentemente passava longas temporadas em Porquinhos. E, ao que parece, os integrantes mais antigos desse segmento 9 eram apaniecrás.

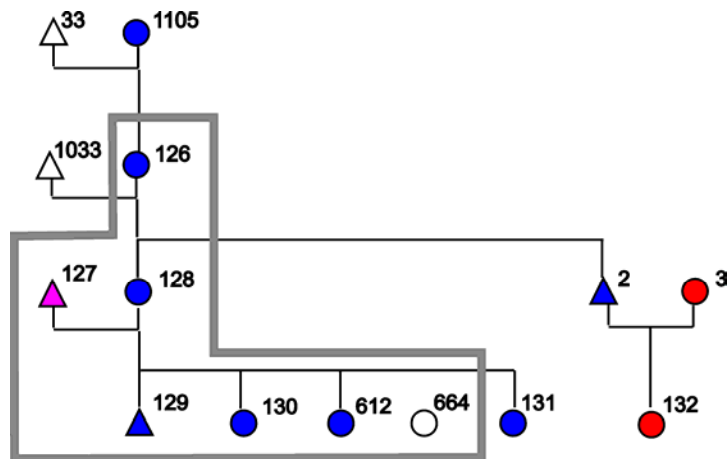
**Casa 9b**  
Em 1962, na Aldeia do Posto

- 126 - Hôjat Hôjarin Jôpro
- 127 - Tepjêet Atorcrã Hôcrow (Raimundo Agostinho)
- 128 - Atykwôj Ramkwôj Camôc
- 129 - Acaprêc Kêncunã
- 130 - Xukwôj
- 131 - Hàcxà
- 132 - Apxêtep Apxêcôcutô (ou Apxêcutô?) Jôcwaco Paxityc Côxêrê Axukwôj Côcro  
Ramkwôj Hôcwacaprêc



Em 1962, Raimundo Agostinho (127) morava matrilocalmente com sua família elementar de orientação junto à sogra viúva, Hôjat (126). Também morava na casa Apxêtep (132), que normalmente deveria estar com sua mãe Wakôkwôj (3) e seu pai José Ajehi (2) na casa 1a; entretanto, morava nesta casa, de sua avó e de sua tia paternas. Apxêtep (132) estava destinada a casar com Cratpê (47), que já levava alguma coisa para esta casa e até podia comer aí; mas ela era ainda uma donzela {D1: 165}. Para esse casamento que não chegou a ser consumado, Cratpê (47) interrompeu e depois retomou sua união com Nenê (162) {D2: 229}. Atykwôj (128) teria tido uma irmã, chamada Paxên, então falecida, que fora a terceira das sucessivas esposas de Zacarias (51) {D3: 44}.

**Casa 9b**  
Em 1971, na Aldeia do Posto

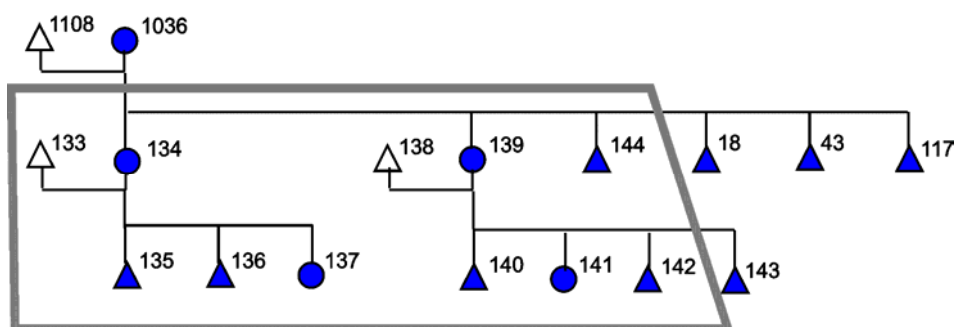


Em 1971 havia na casa mais uma filha do casal, Porcakwôj (612), que já era nascida em 1967, e ainda mais uma pessoa, Pôjkwôj (664), que falta nas minhas anotações não permite dizer com certeza se era também mais uma filha do mesmo casal. Hàcxà, filha do casal, tinha falecido em 1963 {R4: 114}. Apxêtep (132) havia voltado para a casa 1a, de sua mãe Wakôkwôj (3), que, entretanto, já havia então falecido.

### Casa 9c

Em 1962, na Aldeia do Posto

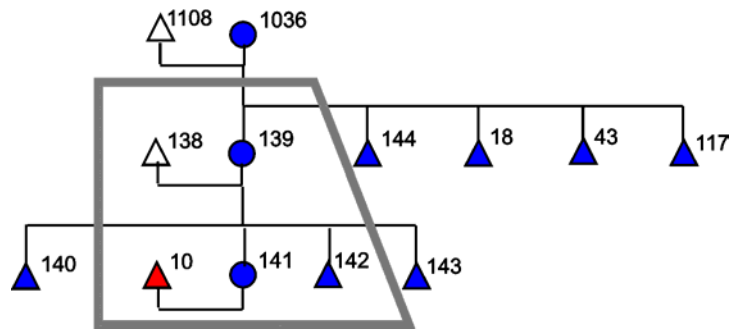
- 133 - Hapôô Wakê Crâcarurê Cramcrâcru (Zezinho)
- 134 - Crâtot Capêrê Cahôcô
- 135 - Herwô Catuthu
- 136 - Wapej Icrehôtot Teptuc Teprârê
- 137 - Caapa Patprô Cujcô
- 138 - Atorcó Côtêtet Cahi Caprà Tami (José Aurélio)
- 139 - Cuicô Patprô
- 140 - Hihahac Crâjêêt Atwôrê Pôjcrâhô
- 141 - Teptuc Wapej Icrehôtot Curakwôj Cahurkwôj
- 142 - Kopcahâc Wacmênrop Custo Purêtêi Purxu Quenjawin
- 143 - Pôcroc Côxitep
- 144 - Pôhytorô Jaxu Tumâj (Clóvis)



Em 1962 esta casa era habitada por dois casais e seus filhos. Zezinho (133) e José Aurélio (138) eram casados com duas irmãs, respectivamente Crâtot (134) e Cuicô (139). Morava com elas também um irmão solteiro, Clóvis (144). Os demais irmãos moravam nas casas de suas esposas: Bernardo (18) na casa 3a; Secundo (43) na casa 5b; e Aleixo (117) na casa 8b. O filho caçula de José Aurélio, Pôcroc (143) era criado fora da aldeia, na casa do posto, por Edith, esposa do pastor protestante e funcionário do SPI Dodanin {R4, p. 114}.

### Casa 9c

Em 1971, na Aldeia do Posto

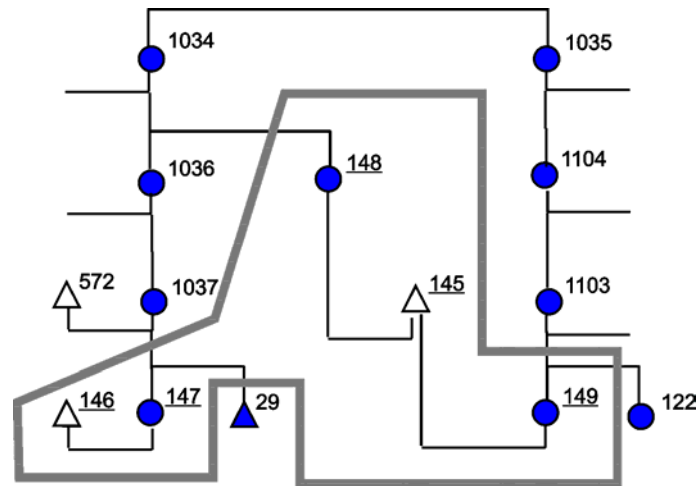


Em 1971, Crãtot (134) já havia falecido e seu viúvo, Zezinho (133) tinha saído da casa, bem como os filhos do casal. Um deles, Pôpró, que suponho ser o mesmo Herwô Catuthu (135), que teria então uns 19 anos, estava casado e morando na casa 10a. Seu irmão e sua irmã, Icrehôtot (136) e Caapa (137), estavam com o pai, morando na casa 9e, pois Zezinho (133) havia se casado com Jut (148).

Quanto aos filhos de José Aurélio (138) e Cuicô (139), Teptuc Curakwôj (141) estava casada com Aniceto (10), que havia se separado da apinajé Benvinda (11), homem bem mais velho que sua nova esposa. Hihahac (140), então na Guarda Rural Indígena, estava casado na casa 8c. O irmão de Cuicô, Clóvis (144), também na Guarda Rural Indígena, estava casado na casa 5d. Não encontrei em minhas anotações nome nem notícias do filho de José Aurélio (138) posteriores à data de seu nascimento que foi em 23-12-1964 {D3: 5 e 28-29}.

**Casa 9d**  
Em 1962, na Aldeia do Posto

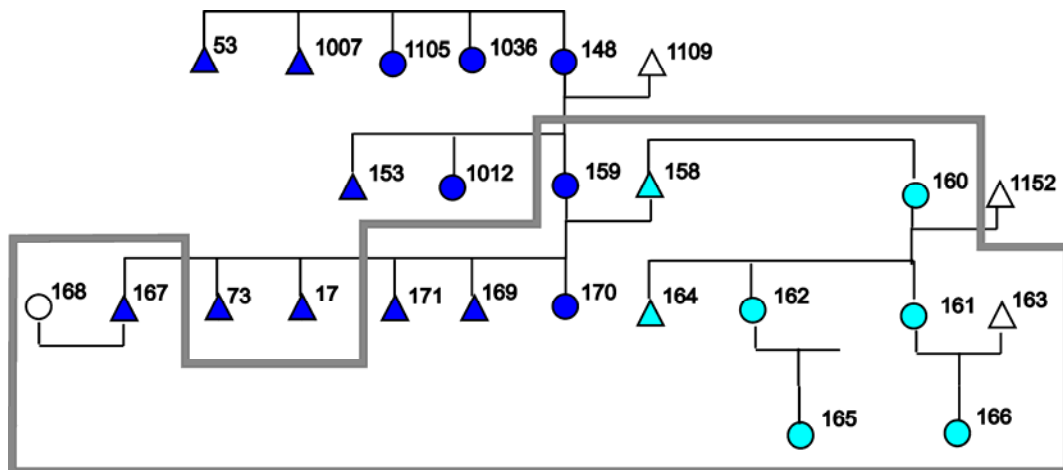
- 145 – Ropcuxý (Pedro Colina)
- 146 - Inxetuc (Chico Novo)
- 147 - Puca Puran
- 148 - Partuc Jut
- 149 - Prôj Capekwôj



Cerca de uma semana após iniciar minha primeira etapa de campo juntos aos craôs, Pedro Colina (145), que já encontrei doente, faleceu. Ele estava unido maritalmente a duas mulheres, de geração diferentes, mas do mesmo segmento. Uma era Jut (148), que deveria normalmente estar morando na casa 9e, onde estava sua filha Hacru (159), casada com Pedro Pênô (158). A outra era Prôj (149), irmã de Caxô (122), da casa 9a. Havia uma terceira mulher na casa, Puca (147), do mesmo segmento 9, mas sem nenhuma ascendente feminina direta viva, parece. Ela estava casada com Chico Novo (146), oriundo da casa 4a. Tinha um irmão, Milton (29), casado e morando na mesma casa 4a. Chico Novo e Milton faziam uma troca de irmãs. A morte de Pedro Colina em 1962, seguida da de Puca (147) em 1963 {R4, p. 115}, desorganizou a composição, de modo que já em 1963 a casa 9d não existia.

**Casa 9e**  
Em 1962, na Aldeia do Posto

- 158 - Krô'krôcô Haracaj'cârê Hampo Pênô (Pedro)
- 159 - Hacru Kôtwôj A'târe Tôcamporehu Kagãcaquê Junkwôj Amxukwôj Têrêkwôj  
Prinxôn
- 160 - Cô'rêrê
- 161 - Rônkwôj
- 162 - Parãkwôj (Nenê)
- 163 - Icrãcaprec (Juarez, apinajé)
- 164 - Cacro Ca'cârê Xêuxê
- 165 - Cwôrcà
- 166 - Pôtuc
- 167 - Pajhôt Prôntap Copcô Ikrôtêtet Hêrnia Crãxocrit Prucaxê Capêrêcô Cwôc Xwarê  
(Emiliano)
- 168 - Puquin
- 169 - Hàca Ihôpej Harecaprec
- 170 - Têrêkwôj Prôj Tôtdôc Crampej Icrãhhô
- 171 - Cocaquê How'curô Crôreçrã Hôrhê (Pedro ou Osvaldo)



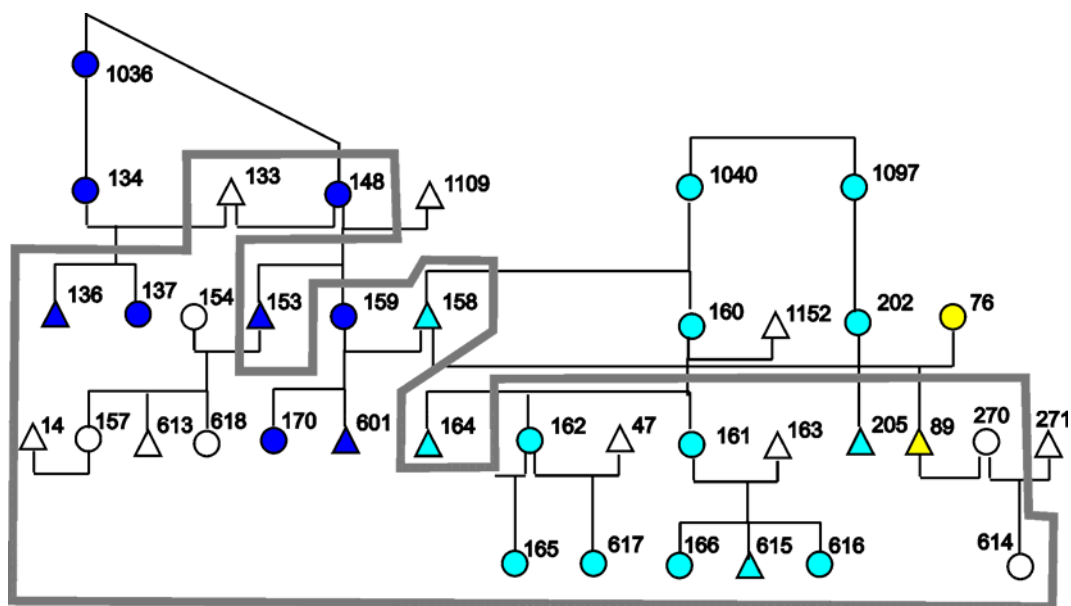
Esta casa agrupa representantes de dois segmentos residenciais, o 9 e o 12. A julgar pela posição das demais casas do segmento 9, era Pedro Pênô (158) que morava matrilocalmente e, sua irmã, a viúva Cô'rêrê (160), foi morar junto a ele.

Dos filhos de Pedro Pênô (158) e Hacru (159), Martim (73) e Casiat (17) moravam fora, casados respectivamente nas casas 6a e 2a. Já Emiliano (167), ao contrário, trouxera sua esposa Puquin (168) para a casa materna dele; a dela era a casa 4a. Hàca (169) era um bebê que eu já não encontrava vivo na etapa de campo seguinte, em 1963. Hêrwô (153), irmão de Hacru (159), era casado e morava na casa 10a.

Rônkwôj (161), uma das filhas de Cô'rêrê (160), era casada com o apinajé Juarez (163), oriundo da casa 2a. Nenê (162), a outra filha de Cô'rêrê (160), tinha sido casada com o xerente Justiniano, que trabalhava em Imperatriz ou era “diretor” do povo crincati {D1: 28 e 33}. Esse Justiniano é o principal personagem da dissertação de mestrado de Odilon Rodrigues de Moraes Neto.



**Casa 9e**  
Em 1971, na Aldeia do Posto



Em 1971, a casa 9e estava sobrecarregada de moradores. Dos filhos de Pedro Pênõ (158) e Hacru (159) só estavam na casa a menina Têrêkwôj (170) e o mais novo, Wywy (601), nascido depois da morte de Hâca (169). Emiliano (167), que já estava separado de Puquin (168) em 1965 {D3: 131}, já teria morrido em acidente de caminhão fora da área indígena. Morava na casa mais um filho de Pedro Pênõ, mas filho de outra mulher, José Cadete (89), casado com Mrãiti (270), que recentemente enviudara com a morte de Doroteu (271); ela trouxe para a casa uma filha que tinha com esse falecido marido, Teptyc (614). Apesar de filho de Pedro Pênõ, não sei por que razão José Cadete estava nesta casa e não na de sua mulher ou na sua casa materna (7a). Também não conheço a relação de sua mulher com qualquer morador da casa que explicasse a razão de estar residindo na casa 9e.

Cô'rêrê (160), irmã de Pedro Pênõ, não estava presente, provavelmente morrera. Mas suas filhas continuavam e tinham novos filhos. Rônkwôj (161) continuava casada com Juarez (163), e o casal tinha mais duas crianças: Ca'cârê (615) e Xôta (616). Parãkwôj (162) refizera o casamento (que estivera interrompido por volta de 1964-1965 {D3: 15}) com Osias (47), cuja casa materna era a 5b, e o casal tinha tido uma filha, Põcutô (617). Cacro (164), irmão de Rônkwôj (161) e de Parãkwôj (162), estava casado e morando na casa 4a. Mas um primo paralelo matrilateral delas, I'porê (205), estava na casa, e ele serviu de cozinheiro para Heinz Forthmann, um aluno seu de cinema e eu, por ocasião em que estava sendo feito o filme documentário Rito Krahô, em abril de 1971.

Hêrwô (153), irmão de Hacru, morrera e era por isso que sua viúva, Crĩru (154) ali estava, para cumprir o luto na casa materna do marido. Com ela estavam sua filha mais velha, Majôj (157), que se casara com José Miguel (14), oriundo da casa 2a, e mais duas crianças que o marido lhe deixara, Potpê (613) e Jãtgãj (618).

Jut (148), mãe de Hacru, se unira a Zezinho (133), viúvo de Crãtot (134), que trouxera para a casa dois dos filhos que tivera com a falecida mulher: Irehôtot (136) e Caapa (137).

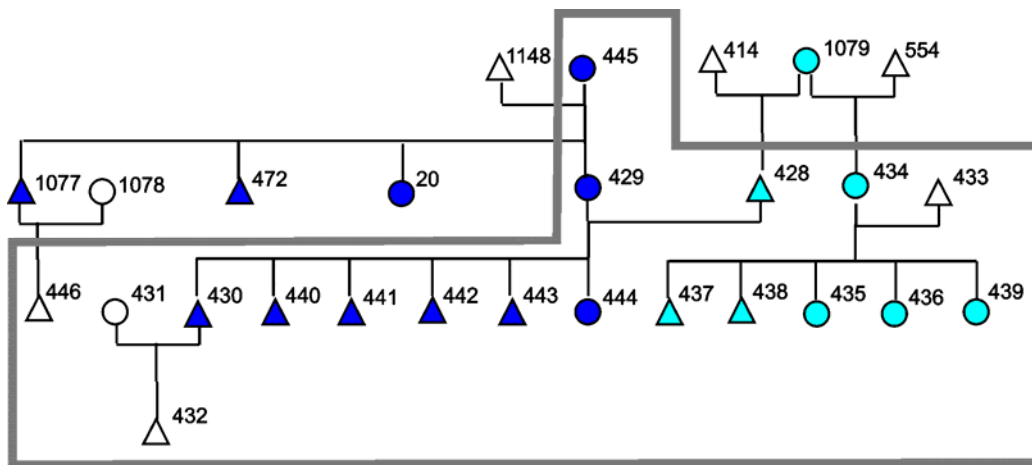
Em 1963, a irmã de Pedro Pênõ (158), Cô'rêrê (160), teve casa separada da do irmão, onde viviam com ela suas duas filhas, Rônkwôj (161) e Parãkwôj (162), o genro

Juarez (163), o filho Cacro (164), e as netas Cwôrcà (165) e Pôtuc (166) {R4, pp. 114-115}. Se esta casa perdurasse, viria a ser mais uma unidade do segmento residencial 12.

## Casa 9f

Em 1962/3, na Aldeia de Serrinha

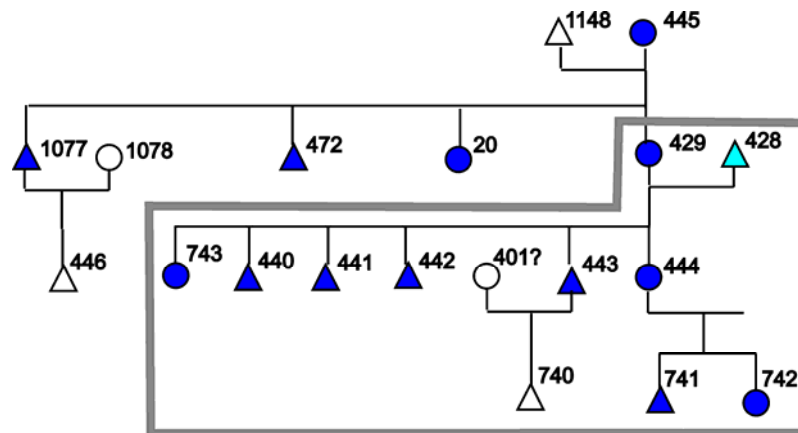
- 428 - Ropkà Pryja'hêrê Piquên (João Canuto)
- 429 - Crâcôn Râcapric (Luzia)
- 430 - Mrôjanô Cupakà Pêmpcrô
- 431 - Craxô Wacô Canocaquê
- 432 - Pa'pôrô Wa'hêrê Pyryxum
- 433 - Wacômecwa (Pedrinho, xerente)
- 434 - Cajpu Cwampê
- 435 - Pyrâkwôj
- 436 - Tor'totê Hômrên Krôkrat
- 437 - Icrôc Quêxý
- 438 - Ropkà Piquên Pryja'hêrê
- 439 - Rônkwôj Erpy
- 440 - Xêpkà Cugôn Tehi
- 441 - Tuncô Herniã Kopkô
- 442 - RopoxêT Tênacà Patý Ropkran
- 443 - Hojhé Îtohôcpej Pãnãrã Cãcà Îto'hôcô (Ribamar)
- 444 - Ipôxen Cratikwôj Pyrã
- 445 - Pymkwôj (Crenti)
- 446 - Cukôj Ca'wôrê



No começo de 1963 a composição da casa de João Canuto (428), na Aldeia de Serrinha tinha algo em comum com a composição da cas de Pedro Pênô (158) na Aldeia do Posto: ambas reuniam representantes os segmentos residenciais 9 e 12. João Canuto também tinha junto a si uma irmã, ou melhor, meia-irmã matrilateral, Cajpu Cwampê (434), porém não viúva, como a irmã de Pedro Pênô, mas acompanhada do marido, o xerente Pedrinho (433). O pai dela era um sertanejo negro, Luís Romão (554), que morava no Morro do Boi. Quanto ao pai da esposa de João Canuto, seria mesmo Cahycà (1148), embora o registro em um recenseamento como Cahyti {R4: 81} me tenha deixado desconfiado que seria outra pessoa.

### Casa 9f

Em 1971, na Aldeia de Serrinha



Em 1971 a casa 9f havia se desdobrado em três, corrigindo o rompimento da matrilocalidade. Vou considerar como 9f apenas aquela que ficou com os representantes do segmento 9. A meia-irmã de João Canuto, Cajpu Cwampê (434), erigiu uma nova casa, a 12i, que é comentada junto com as demais do segmento 12. E Mrôjanõ (430) seguiu com a esposa para criar a casa 32b, considerada junto à outra do mesmo segmento 32.

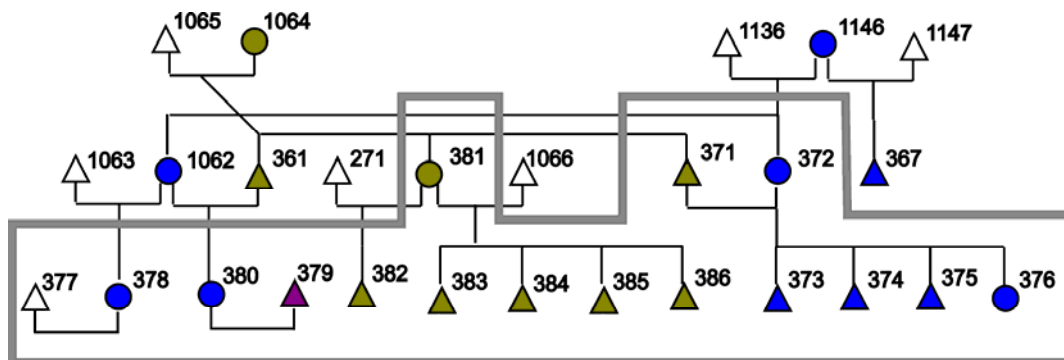
A sogra de João Canuto, Pymkwôj (445), tinha ido morar na Aldeia do Posto, junto a sua outra filha, Cũhêc (20), esposa de Rondon (22), na casa 3a.

Uma filha de João Canuto, Ipôxen (444), tinha tido duas crianças, Wa'quêê (741) e Haprej (742), mas não registrei quem era o pai delas. O filho de João Canuto, Hojhé (443), rompia novamente a matrilocalidade, trazendo a esposa para sua casa materna; tinha um filho, Acrôcahàc (740).

E o próprio João Canuto (428) e sua mulher Crãcôn (429), tinham mais uma filha, Cajpu (743).

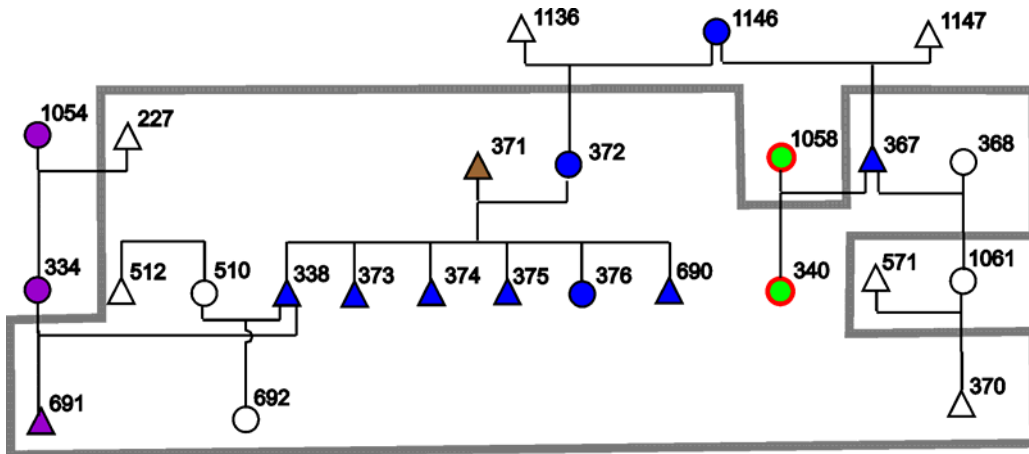
**Casa 9g**  
Em 1962, na Aldeia do Abóbora

- 371 - Rã'râcrê Wacõ (Manoel Bertoldo)
- 372 - Tapxy Wô'pârê (Manõ)
- 373 - Tejapôc Itôpo Quĩhapy Poprĩ Jotry Cahykà Ropkuc Crate Crôreocrã Camtwyn  
Tepjêť Crâpyn (Legalo ou Cará)
- 374 - Irãjaca Wôkô Wetkiê Pycati Nojtêmxà Ĩxycapric (Pedro)
- 375 - Ĩtepcuxua (Jonas)
- 376 - Crojhi Tônkwôj Papre Amcrâkwôj Krôtkre Jaroj Toxên Mãhô Pôhykwôj Hôjat  
(Teresa)
- 377 - Rywryc (Pedro)
- 378 - Ropokwôj Tetikwôj Huj Icrorôkwôj Acokwôj (Teresa)
- 379 - Hawôt Kràc Pyrypôc Cotojcate (Dival)
- 380 - Patpro (Joana)
- 381 - Pykwôi Xixiw (Anai)
- 382 - Panhi (Jardim)
- 383 - Kêťpej (Santana Caju)
- 384 - Hãctocot
- 385 - Cwôrquê
- 386 - Corwa



Nesta casa, em 1962, concentravam-se representantes de dois segmentos residenciais, o 9, de Tapxy (372), a dona da casa, e o 14, de seu marido, Manoel Bertoldo (371), o chefe da aldeia do Abóbora, que havia trazido para a casa sua irmã viúva sem marido, Xixiw (381), e os filhos dela. Também moravam na casa os filhos de Crancwa (1062), irmã falecida de Tapxy: Ropokwôj (378), casada com Pedro Rywryc (377); e Patpro (380), casada com Dival (379). Note-se que Patpro é filha de Daniel (361), irmão de Manoel Bertoldo que então morava na casa 13b da mesma aldeia.

**Casa 9g**  
Em 1971, na Aldeia de Cachoeira

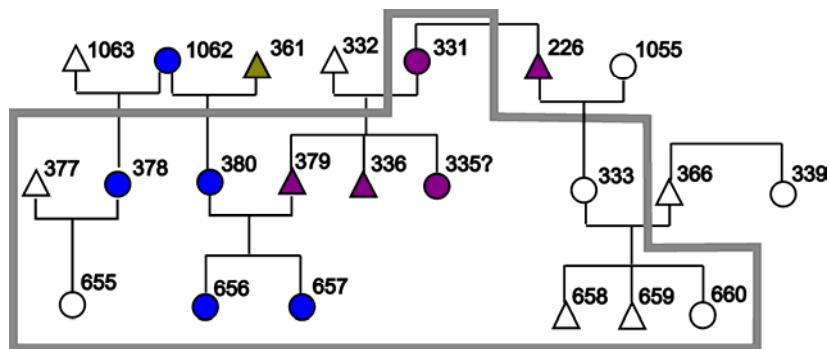


É curiosa a evolução da composição dos moradores desta casa (bem como de outras): se a matrilocidade é retomada por um determinado conjunto de pessoas, é rompida por outras. Comparando a situação anterior com a de 1971, vemos que a irmã de Manoel Bertoldo, Xixiw (381) havia se retirado com seus filhos para a casa 14b. Pedro Rywryc (377) e sua irmã Patpro (380), com seus cônjuges, se retiraram para uma outra casa, que numero provisoriamente como 9h. Ela poderia ter continuado na casa sem romper a matrilocidade.

Entretanto, Silvino (367) estava agora morando com a sua meia-irmã matrilateral Tapxy (372), trazendo a esposa, Tojtô (368), o neto Acapric (370), filho de uma filha falecida, e Hükô (340), filha de um casamento mais antigo e cuja mãe já havia falecido.

Kêtpej (338), filho de Tapxy (372) e de Manoel Bertoldo (371), havia voltado para a casa para a qual trouxe a nova esposa, Catuc (510), oriunda da casa 27a da Aldeia de Serrinha, com quem tinha uma filha, Wômê (692). Tinha consigo também Xycô (691), filho que tivera com a falecida esposa Pryrê (334), com a qual morara na casa 6f na Aldeia do Abóbora. Talvez a presença dessa filha é que justificava a presença na casa do velho quencatejê Luís Baú (227), avô materno da mesma. Ele estava muito velho para fazer casa e também tinha um certo parentesco com a mulher de Manoel Bertoldo {D6: 216}.

**Casa 9h**  
Em 1971, na Aldeia de Cachoeira



Esta casa parece formada pelo desenvolvimento de uma parte da casa 9g, tal como era em 1962. Na verdade fico em dúvida se devo considerá-la como do segmento 9 ou se do segmento 6. Foi-me apresentada como “casa de Pedro” (377), que já não morava matrilocalmente em 1962. Outros moradores da casa são viviam anteriormente na casa do Major Chiquinho, a 6f. Chiquinho (329) já havia falecido. Seria de se esperar que Raimundo Ca’cârê (332) estivesse morando nesta casa, mas não. Ele estava na casa 23a, casado com Hîpô (320), filha da mulher de Curico (acredito ser esse o apelido de Kâ, 317) {R6: 49, D6: 186}. Waro (333), que também morara na casa de Chiquinho, residia agora aqui, onde enviuvara de outro marido, Malaquias (366), que antes fora casado na casa 13b. Era um casamento que teria começado em 1963, pois já nessa época ouvi que Waro (333) tinha deixado Malaquias (366) porque era surrada por ele todo dia {D2: 197}. Mas a união prosseguiu até a morte dele, pois o casal chegou a ter dois filhos e uma filha. Após a morte de Malaquias (366), a mulher de Diniz, sobrinha de Malaquias, estava querendo ficar com os filhos dele. Raul (67), irmão de Haprej (1055), mãe de Waro (333), ia intervir {D6: 86-87}.

Os casais jovens tinham tido filhos nascidos depois de 1962: Pretet (655), filha de Pedro Rywryc (377) e Ropokwôj (378); Xoprê (656) e Ajca (657), filhas de Dival (379) e Patpro (380); Rophi (658), Tehi (659) e Pjêtyc (660), filhos e filha, respectivamente, de Malaquias (366) e Waro (333).

Não tenho certeza se a irmã de Dival (379) e de Ha’porô (336), que vivia na casa, era mesma que em 1962 arrolei na casa do Major Chiquinho, uma vez que o nome que naquela época anotei, Craxô Jôxen Wacô Apxêtep, e o apelido Magnólia (335), não incluía o termo que agora me era informado, Tônkwôj.